

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA-PROFHISTÓRIA**

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE
TUPANCIRETÃ**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Marilen Fagundes Peres

Santa Maria, RS, Brasil
2016

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TUPANCIRETÃ

MARILEN FAGUNDES PERES

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em
Ensino de História- Profhistória , da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Ensino de História

Orientador: Phill Dr. Professor Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA-PROFHISTÓRIA**

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE
TUPANCIRETÃ**

Elaborada por Marilen Fagundes Peres.

Como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em ensino de História

A comissão examinadora composta pelos seguintes membros:

Jorge Luiz da Cunha, Phill Dr. (UFSM)

(Presidente/Orientador)

Aristeu Castilhos da Rocha, Dr. (IFFAR/Julio de Castilhos)

Denise Souza Saad, Dra. (UFSM)

Julio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil
2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a todas as forças superiores, aos meus orixás e anjos de guarda por me ampararem em todos os momentos neste período de pesquisa e elaboração desta dissertação. Entretanto existem aqui na terra pessoas especiais que contribuíram de maneira efetiva para a concretização deste sonho: meus pais Maurício e Maria de Fátima, minhas tias Marize e Fátima, meu irmão Leoncio e cunhada Angélica, as amigas Lúcia e Janete.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Jorge Luiz da Cunha que confiou em mim, foi paciente e me respaldou. Não posso deixar de agradecer a Elizabeth e professor José Iran pela disponibilidade e excelente trabalho junto a secretaria e coordenação do mestrado Profhistória.

Meus agradecimentos a todos os professores do Profhistória pela oportunidade de novos aprendizados. Minha gratidão também aos professores do Parfor-História, em especial ao Julio Ricardo Quevedo e professora Regina Melo que batalharam para a execução deste programa.

Quero dedicar este trabalho aos meus filhos e companheiros de jornada Maria Paula, Nicolli e Theodoro.

RESUMO

Produção de material didático-pedagógico para a valorização do patrimônio histórico e cultural de Tupanciretã

AUTOR: Marilen Fagundes Peres

ORIENTADOR: Jorge Luiz da Cunha

O presente trabalho pretende tratar de questões ligadas ao patrimônio histórico e cultural do município de Tupanciretã, a partir de uma visão voltada para educação patrimonial, buscando instrumentalizar docentes e discentes a partir de um material no qual aborde as questões da história do município a partir da valorização do patrimônio histórico e cultural. O material deve ser disponibilizado para que ampare os professores no ensino de história local, o qual existe muita carência de material para ser trabalhado. Tentando mostrar uma visão de história que inclua a vária gama de grupos sociais que contribuíram para a formação do município partindo do seu passado missionário. Para isso é preciso que nos pautemos a partir de alguns conceitos fundamentais que respaldarão três eixos principais: ensino e aprendizagem/educação, ensino de história/história local; e patrimônio histórico cultural/educação patrimonial. A história a ser contada deve partir sempre que possível (dificuldade de fontes confiáveis) incluindo as classes populares, os trabalhadores, os negros, os pardos, não abordando apenas as classes privilegiadas as quais estão sempre presentes nos memoriais já produzidos sobre história do município e verificada também no Museu Municipal. O trabalho será dividido em capítulos, sendo que nos capítulos introdutórios nos pautaremos principalmente a partir das questões teóricas, um anexo deverá conter o material produzido para ser utilizado pelos docentes e finalmente no capítulo final faremos um balanço para encerrar o trabalho, buscando fazer as amarras para finalizá-lo.

Palavras-chave: História local, patrimônio cultural, ensino, Tupanciretã

Abstract

Production of didactic-pedagogical material for the valorization of the historical and cultural patrimony of Tupanciretã

The present work intends to deal with issues related to the historical and cultural patrimony of the municipality of Tupanciretã, starting from a vision focused on patrimonial education, seeking to instrumentalize teachers and students from a material in which they address the issues of the history of the municipality from the Valorization of historical and cultural heritage. The material should be made available to encourage teachers in local history teaching, which there is much lack of material to be worked on. Trying to show a vision of history that includes the various range of social groups that contributed to the formation of the municipality from its past mission. To do this, we must draw from some fundamental concepts that will support three main axes: teaching and learning / education, teaching history / local history; And historical cultural patrimony / patrimonial education. The story to be told must come whenever possible (difficulty of reliable sources) including the popular classes, the workers, the blacks, the pardos, not only addressing the privileged classes which are always present in the memoriais already produced

on the history of the world and Also verified in the Municipal Museum. The work will be divided into chapters, and in the introductory chapters we will focus mainly on the theoretical questions, an attachment should contain the material produced for use by the teachers and finally in the final chapter we will take stock to close the work, seeking to make the moorings To finalize it.

Keywords: Local history, cultural heritage, teaching, Tupanciretã, patrimony

LISTA DE ABREVIATURAS

IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAPEDUH- Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica

OSPB- Organização Social e Política Brasileira

PCNs- Parâmetros curriculares nacionais

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	O ENSINO NO BRASIL E ALGUMAS CONTRADIÇÕES.....	11
1.2	UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL	13
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA	16
2	OBJETIVOS.....	17
2.1	OBJETIVO GERAL.....	17
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
3.1	TRATANDO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL...	18
3.1.1	Patrimônio Cultural.....	18
3.2	HISTÓRIA CULTURAL, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
	APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL: CONTANDO NOSSA HISTÓRIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - TUPANCIRETÃ, TERRA DA MÃE DE DEUS.	31

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos que trabalhei como professora dos anos iniciais, sempre observei que faltavam materiais adequados para trabalharmos ensino de História local, já que os memoriais que haviam disponíveis nem sempre estavam disponíveis nas escolas ou alguns não traziam informações adequadas para nosso trabalho com alunos de 4º e 5º anos. E essa falta de material apropriado tornava o ensino de História do município de Tupanciretã bastante comprometido pois muitos elementos de suma importância acabavam ficando fora do que ensinávamos a nossos alunos, e mesmo questões e acontecimentos mais atuais dependiam do interesse dos professores para buscar fontes, o que na maioria das vezes não acontecia e o ensino se restringia a períodos mais antigos, não dando conta da complexidade da formação do povo da nossa cidade e dos vários momentos vividos pelo nosso município. Nossos professores utilizam-se algumas vezes das produções dos memorialistas e vão montando seus materiais muitas vezes contando uma História que não corresponde aos fatos ocorridos, com omissões importantes.

Estas questões foram ao longo dos anos me instigando e me fazendo perceber a necessidade de produzir material apropriado para o uso de professores e alunos. Mas na maioria das cidades pequenas o que prevalece é uma História que privilegie os grandes coronéis, as elites, os “reis e rainhas”, deixando a maioria da população excluída da sua própria história, contando feitos heróicos dos grandes senhores. E esses silenciamentos e invisibilidades sempre me incomodaram e na oportunidade de fazer um projeto para um Mestrado profissional em Ensino de História, estas questões foram decisivas para determinar o que iria pesquisar e intervir. Algumas questões que pautam também o ensino e aprendizagem me motivaram para ousar escrever o projeto e buscar a produção de um material novo e inovador, não somente do ponto de vista da apresentação, mas um material que não fosse inundado de ideologia burguesa, que partisse do presente para fazer representações do passado, buscando incentivar a partir da valorização do patrimônio local-material e imaterial, a nossa história, a nossa cultura, todos os elementos étnicos que constituíram nossa cidade, levando em conta todas as classes sociais que ajudaram na sua formação.

Na verdade, o objetivo maior deste trabalho é a formação de uma identidade, a partir da valorização do patrimônio e história locais, visando uma identidade que seja coletiva na qual os sujeitos sejam protagonistas desta história.

A decisão de trabalhar com produção de material didático-pedagógico, nasce da necessidade percebida ao longo de quase vinte anos de docência, de um material apropriado para o ensino de História local, que aborde de uma forma didática as relações entre a História e o patrimônio do município de Tupanciretã, pois o município não dispõe de material adequado para o uso com os alunos como já falei anteriormente. Assim como as informações que estão disponíveis para pesquisa e ensino estão defasadas, com dados desatualizados e não abordam a sociedade de Tupanciretã na sua totalidade, deixando alguns grupos invisibilizados na dita “História Oficial”, bem como não existe nenhum tipo de incentivo a valorização do patrimônio material e imaterial do município, nenhum projeto de Educação patrimonial, tornando as novas gerações excluídas do conhecimento sobre sua própria história.

Além da prática cotidiana de sala de aula e a constante necessidade de buscar materiais apropriados para ensinar história local, posso afirmar que outro fator importante que motivou este trabalho foi no âmbito social, pois percebo há muito tempo que a falta da valorização de determinados grupos sociais e grupos étnicos na formação da nossa história, faz com que nosso aluno não se perceba pertencente a essa história, ele não se reconhece em nada, quando, por exemplo observa o museu municipal Dr. Hélio Franco Fernandez ¹que mostra somente a história da grande elite latifundiária do município, desvinculando e desvalorizando o importante papel do trabalhador – principalmente do Frigorífico Serrana que foi o maior frigorífico da América Latina nos anos 1970/1980 – e sua contribuição para a formação dessa história. Assim como, relíquias e fotos do Clube Comercial de Tupanciretã- o Clube da aristocracia, são centrais no museu e os Clubes e sociedades de negros e de trabalhadores estão omitidos e invisibilizados: nem o Salgueiro, nem o Treze de Maio, nem o Salão José do Patrocínio, o Clube União Operária, são lembrados como entidades recreativas de relevância para o município, sendo que o Salgueiro ainda permanece com atividades neste município e os demais tiveram grande importância para o patrimônio cultural do município nos anos 1960/1970, principalmente no carnaval, com escolas de samba que abrihantavam os carnavais em toda região.

Nem falamos em entidades de representação de classes como Sindicatos e Círculos operários que foram protagonistas de muitas atividades culturais e recreativas, assim como sociais e de resistência no município de Tupanciretã, inclusive com bibliotecas bem montadas na época, e serviços sociais prestados bastante reconhecidos pela população; essas entidades

¹ In memorian - Médico, ex-prefeito, personalidade significativa para a história do município, doador de muitos objetos e fontes do museu municipal que leva seu nome

não são lembradas, nem citadas, nem rememoradas no museu municipal e sabe-se que muitas fontes poderiam ter sido retiradas dos antigos prédios destas entidades para fazer parte do acervo do museu, mas acabaram se perdendo e nunca foram valorizados. Pois sabemos que o museu é o primeiro lugar para iniciarmos um trabalho voltado para a Educação Patrimonial como nos indica Soares: “Foi nos museus que inicialmente surgiu a metodologia da Educação Patrimonial, que tinha como proposta o desenvolvimento de programas didáticos neles. Posteriormente, este método de ensino foi adequado para que fosse implementado nas escolas” (SOARES, 2003, p. 25).

Outro elemento que me motivou, foi o contato com vários estudos que abordam a questão da dicotomia academia-escola, isso me instigou, ao cursar História pela Plataforma Freire, já nos primeiros estudos de Pré-História, com o Professor Milder ²-in memoriam- já pudemos nos deparar com pesquisas incríveis e dados novos sobre a colonização do nosso estado, sobre nossa História e modo de vida dos nossos antepassados que nunca foi abordado nem nos livros didáticos nem nas produções que tínhamos acesso, nos causando encantamento. Com tanta pesquisa e tanta informação que era produzida na universidade e que não chegava aos livros que nós professores tínhamos acesso, pude verificar algo que era constantemente falado nas aulas: a dicotomia escola-universidade. A falta de articulação para que estas pesquisas sejam divulgadas ou utilizadas por autores que abordam algumas questões faz com que informações de relevância deixem de chegar aos nossos alunos da educação básica.

Desde então, nascia uma ideia de ressignificar nossa História, pesquisar a partir de várias fontes, levantar dados, trazer um pouco do que já se tem produzido em termos do estado do Rio Grande do sul, relacionando a nossa História local. Neste sentido, Maurice Tardiff na sua obra Saberes docentes e formação profissional(2002) contribui quando afirma que professores de sala de aula devem parar de ser tratados como estudos de caso nas pesquisas universitárias e afirma que estes professores podem produzir não somente reproduzir, ele convoca pesquisadores, docentes, a unirem-se para produzir, ressalta que mundo acadêmico e mundo escolar devem estar se amparando para que os professores não sejam vistos apenas como reprodutores de conhecimento produzidos por outros grupos. Reforçando a ideia de romper a dicotomia já citada.

² Professor da Universidade Federal de Santa Maria, historiador e arqueólogo, pesquisador renomado em arqueologia

Outra questão, bastante peculiar que incita para este trabalho é a forma como a história oficial invisibiliza o passado missioneiro, já que hoje a grande maioria do nosso alunado e até nossos professores de anos iniciais não têm conhecimento de que nas terras onde depois ergueu-se o povoado que deu origem ao nosso município, anteriormente era uma Redução, a Redução de São João, um “braço” da Redução de São Miguel que acolhia guaranis “excedentes” da Redução de São Miguel, se quer imaginam de que forma essas terras acabaram nas mãos dos grandes latifundiários da época. As versões contadas nas escolas sempre me causaram estranhamento, pois sempre me interessei por este passado missioneiro omitido de todas estas gerações, pois entendo que devemos conhecer nossa própria História e repassar para as novas gerações. Sobre a questão missioneira existe uma abordagem apenas lendária, somente o “mito da criação”, a lenda da origem do nome do município. TUPAN – CI-RETAN = terra da mãe de deus. Resumir esse passado missioneiro a apenas uma lenda é uma forma de desvalorização dos povos indígenas, tratando-os de forma desrespeitosa e somente como figuras folclóricas, sendo que se sabe que sua contribuição para a formação cultural do nosso município e de todos municípios onde desenvolveram-se as reduções são incontáveis. Mas essas omissões são motivadas por uma sociedade que desvaloriza determinados grupos étnicos em detrimento de outros, infelizmente o nosso alunado é quem mais é prejudicado, pois não lhe é oportunizado um conhecimento verdadeiro sobre elementos importantes do passado que auxiliariam no entendimento do presente.

Todas essas questões levantadas irão fazer com que este trabalho tenha uma imensa responsabilidade e compromisso, tanto pelo viés da educação, como pelas questões sociais e identitárias que irá abordar. Uma vez que dará contribuições importantes para a construção de um imaginário social positivo na população a partir de uma proposta de educação patrimonial que responda a essas questões já elencadas, conforme nos aponta Soares:

O objetivo é a valorização da memória e da identidade regional, através de um processo de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio local. Ao mesmo tempo, deve-se observar que a educação para o patrimônio é um instrumento de conscientização para a preservação da História local e regional, na medida em que resgata e valoriza as ações cotidianas como portadoras de importância sócio-cultural. Ainda, valoriza o ‘excluídos’ da história por privilegiar os relatos orais, os conhecimentos tradicionais e não sistematizados (Soares 2003).

Esses elementos demonstram a importância e pertinência deste trabalho pois irá enfatizar questões que ainda não foram abordadas e subsidiará professores e alunos, demonstrando uma forma mais interessante de ensinar história, usando fontes, motivando

pesquisa e produções, buscando um trabalho interdisciplinar e ainda ser o início da construção de um trabalho de Educação Patrimonial.

1.1 O ENSINO NO BRASIL E ALGUMAS CONTRADIÇÕES

Pensar em produção de material didático-pedagógico é totalmente inviável sem fazermos uma reflexão sobre questões que pautam o ensino no Brasil, primeiramente, de um modo geral, para depois refletirmos mais especificamente sobre o Ensino de História.

Todos sabemos que o ensino no Brasil e a educação, apresentam problemas graves, que já vêm de longa data. Sabemos que mais de 50% dos jovens que concluem o ensino fundamental são considerados analfabetos funcionais, isso já é prenúncio de que alguma coisa está errada. Existem vários teóricos e muitas pessoas discutindo as mazelas do ensino no Brasil. Muitos que puseram se quer os pés numa sala de aula para exercer a função docente, mas que em virtude da grande desvalorização dos educadores se sentem à vontade para teorizar sobre o ensino, apontar causas, culpados, tecer estratégias. Hoje, qualquer pessoa se sente apta a opinar sobre a educação, pois os principais agentes encontram-se numa posição delicada: desvalorizados social e financeiramente, desrespeitados, desmotivados. Essa desvalorização dos professores e a falta de políticas públicas efetivas para mudar essa realidade, acrescidos de mais inúmeros outros problemas, criam um cenário de caos no ensino e nos faz concluir que o ensino no Brasil está doente, ou melhor, agoniza.

Mas se analisarmos todas estas questões pela ótica de alguns teóricos, como Saviane³, por exemplo, veremos que o sistema de ensino está comprometido com o fracasso de uma maioria. Segundo algumas teorias, que vêem a escola como um aparelho reprodutor da ideologia burguesa e entendem que todos estes problemas, principalmente a questão do fracasso e evasão escolar estão relacionados a um projeto excludente que busca deixar a maioria à margem do processo, ou como refere Saviane: marginalizados. Esse sistema educacional onde a maioria não obtém êxito, acaba por ser excluída ou por se excluir, quando falo na maioria, falo na maior parte da população que é composta pela classe proletária, é extremamente segregador e responsável pela permanência das estruturas sociais que se preservam desde épocas mais remotas.

Existem algumas teorias que buscam refletir sobre as questões da educação a partir de várias concepções. Saviane dividiu-as em teorias não críticas e teorias crítico-reprodutivistas. Sendo que, no primeiro grupo existe um esforço para demonstrar que a educação sozinha seria

³ Filósofo e pedagogo, autor da Pedagogia Histórico-crítica

capaz de superar a marginalidade, já no segundo grupo os estudos apontam que a educação para ter eficácia e mudar os modelos já estabelecidos necessita de outros fatores principalmente de ordem social. As teorias não críticas são elencadas numa visão que reforça as desigualdades, que culpabiliza o indivíduo pelo seu fracasso, sem se ater a questões sócio-econômicas que permeiam todo processo. Essas teorias acreditam e fazem acreditar que a educação por si só é capaz de mudar o mundo, entretanto as práticas baseadas nessas correntes pedagógicas não foram capazes de promover realmente uma mudança efetiva na sociedade. É visível sua negação para uma luta de classes e para uma sociedade estratificada, onde a ponta da pirâmide sempre terá as condições necessárias para o êxito, não somente na educação, mas para o acesso aos melhores postos de trabalho, às melhores universidades às melhores posições, mantendo a sociedade sem as mudanças necessárias para irromper com um sistema que retira da grande maioria as condições necessárias para deixar as posições menos favoráveis. As teorias não-críticas entendem que os fracassos escolares são acidentais, pontuais e podem ser superados de maneira individual. Essa visão faz reforçar a ineficácia do ensino, pois essas correntes tiveram e têm muita força nos sistemas de ensino do Brasil, pautaram por muitos anos a nossa legislação, e ainda são muito frequentes nas escolas brasileiras, mesmo com novas roupagens.

As teorias crítico-reprodutivistas têm uma visão de que a escola por si só não dará conta de todas as demandas do ensino, pois existem algumas questões que independem somente da escola, dos professores, mas depende de ações governamentais mais amplas, que promovam inclusão, redistribuição de renda e incentivos sociais sérios. Não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que somente a educação institucionalizada vá da conta dos problemas do ensino no Brasil, neste sentido P. Bourdieu e J.C. Passeron destacam a existência do que chamaram “violência simbólica”, onde a sociedade utiliza-se de forças simbólicas para dissimular forças materiais que permeiam e impetram essa violência nas relações sociais. A escola seria uma das grandes responsáveis por essas ações de violência simbólica, pois seria um aparelho reprodutor de ideologia burguesa e perpetuação da sociedade dividida em classes, excluindo cada vez mais as classes sociais menos privilegiadas. Isso se observa também no ensino de História, principalmente em História local, que narra apenas a história de uma elite, de grandes coronéis, onde a maioria da população é ocultada dessas construções, onde nosso aluno assim como seus antepassados nunca são vistos como sujeitos dessa história. Isso também é uma forma de violência simbólica já citada, uma forma de exclusão e de motivação a uma possível luta de classes conforme nos alerta Saviane em *Escola e democracia*(1997), a partir da teoria de C. Baudelot e R. Establet.

Nesse contexto escolar problemático é que acontece o que nomeamos por ensino e aprendizagem, entretanto todas estas questões elencadas tornam nosso ensino cada vez mais ineficaz, criando cada vez mais excluídos, onde a maioria fica à margem, em função de insucessos e evasão, que muitas vezes são minimizados e restringidos apenas ao âmbito escolar. Partindo de todas essas questões é que faremos a tentativa de produzir um material que contemple as necessidades observadas por professores e alunos, buscando propiciar oportunidade destes sentirem-se pertencentes a construção histórica do município de Tupanciretã⁴, mais especificamente auxiliando na construção de uma identidade coletiva, que ainda não foi bem estabelecida por aqui.

A História local será um dos enfoques a ser tratados na produção, mas se auxiliará em áreas afins, como geografia, sociologia, educação patrimonial, visando amparar as demandas observadas que determinaram a construção deste.

1.2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Nos primeiros tempos do ensino de história aqui no Brasil, fazia-se uma cópia e uma reprodução do que se tratava na Europa, principalmente na França. Era um modelo que apenas reproduzia os heróis europeus e suas conquistas, apresentava a sociedade européia como uma sociedade a ser copiada, valorizando sua cultura, sua História, seus rituais, sua “civilidade”, falar em eurocentrismo nos traz uma redundância, já que o único objeto de estudo da disciplina eram os feitos dos nossos conquistadores. Enquanto isso, alguns pesquisadores aqui lançavam-se a pesquisar dados, principalmente geográficos do Brasil, já que antes da chegada dos portugueses era como se não existisse uma história passível de ser contada. Neste sentido não podemos deixar de destacar as contribuições de Von Martius e Varnhagen, que produziram alguns dos registros importantes e que embasaram todos os principais autores da época. Não podemos deixar de destacar já neste primeiro momento de produções as questões políticas postas para elencar estas produções, neste caso o papel coube ao IHGB⁵, que tinha intuito de contar uma História do Brasil na qual enaltecesse num primeiro momento os monarcas bragantinos, seus feitos, sua família, sua nobreza,

⁵ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838

desprezando os povos nativos, relegando-os ao exotismo de um país de natureza rica da qual faziam parte, mas nunca como elementos centrais das narrativas.

Já no período republicano, nos primeiros tempos, o que se observou foi um ensino de história que buscava consolidar a organização do estado numa estrutura republicana, e esta se prestou como instrumento de doutrinação ideológica, a partir de autores que publicaram seus manuais na época visando fortalecer a estrutura republicana, sempre através de uma história linear, contemplando grandes feitos e com “heróis”, vista a partir dos olhos de uma burguesia, nunca rompendo um modelo tradicional de ensino unilateral, valorizando a mera reprodução de conteúdos decorados, datas e uma história eurocêntrica. Mesmo com várias mudanças ocorridas com o ensino de História durante o século XX, nunca houve um rompimento com essa forma de ensinar História, nunca se buscou produzir historiografia voltada a romper com esses paradigmas que já estavam impostos. E durante o período ditatorial o ensino de História foi ceifado, com a incorporação de geografia, moral e cívica e OSPB⁶, que levaram uma nomenclatura de Estudos Sociais, retirando ainda mais o caráter de uma História pautada pela interpretação de fatos, e para a construção de cidadãos conscientes e críticos. Ao contrário, nesse período o que se buscava era exaltar a nação, num civismo às avessas para encobrir o “estado marginal” que havia se transformado nosso país com um regime totalitário e violento.

Mais tarde, num período de redemocratização pudemos observar algumas mudanças no ensino de História, buscando romper a construção do período ditatorial, procurando uma nova forma de ensinar história, a partir de novas teorias e de uma historiografia mais voltada ao rompimento com os modelos tradicionais, como se observou com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), uma forte tentativa de ruptura, mas pouco entendida na prática efetiva por parte dos professores, que continuaram a reproduzir um ensino baseado numa historiografia mais tradicional.

A partir do século XXI, se fortaleceu no Brasil uma tendência metodológica, visando romper com a maneira pouco eficaz de ensinar história: a Educação Histórica, que já está muito difundida na Europa e Estados Unidos. Aqui no Brasil, os professores pioneiros a pesquisarem e aplicarem a Educação Histórica foram os professores do Paraná, da UFPR, a partir de pesquisas em seu laboratório de ensino de História, o LAPEDUH⁷. As professoras Maria Auxiliadora Schimidt, Marilene Cainelli o professor Estevão Rezende- da UNB, iniciaram esses estudos e produções historiográficas nesta área, aqui no Brasil, embasados nas

⁶ Organização Social e Política Brasileira, disciplina organizada no Brasil no período ditatorial

⁷ Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica

teorias de Jörn Rusen⁸. Na Universidade Federal de Santa Maria, as produções nesta área do ensino de História partiram principalmente das pesquisas do professor Jorge Luiz da Cunha e da professora Marilu Favarin Marin (in memoriam) que defendeu sua tese de doutoramento baseada nas pesquisas relacionadas a Educação Histórica.

Esses estudos e procedimentos metodológicos foram buscar analisar como se processa o pensamento histórico na criança/adolescente, procurando analisar de que maneira esse aluno organiza seus pensamentos e de que forma adquire sua consciência histórica. Segundo a aprendizagem histórica, o professor deve partir da análise dos níveis de desenvolvimento do pensamento histórico desse aluno para a partir daí propor aprendizagens que sejam realmente significativas para seu aluno. Para Rüsen, aprendizagem histórica se caracteriza pelo fato de dar sentido ao que o aluno aprende na escola, valorizando sua vivência e o que ele já traz de outros ambientes: “a consciência humana relacionada ao tempo, analisando o tempo para ser significativo, adquirindo a competência de dar sentido (significado) ao tempo e desenvolver essa competência” (Rüsen, 1993, p.52).

Nesse sentido os PCNs, também fortalecem essa visão de significar aprendizagens dos alunos dando sentido aos seus saberes:

A apropriação de noções, métodos e temas próprios do conhecimento histórico, pelo saber histórico escolar, não significa que se pretende fazer do aluno um ‘pequeno historiador’ e nem que ele deve ser capaz de escrever monografias. A intenção é que ele desenvolva a capacidade de observar, de extrair informações e de interpretar algumas características, da realidade do seu entorno, de estabelecer algumas relações e confrontações entre informações atuais e históricas, de datar e localizar as suas ações e as outras pessoas no tempo e no espaço e, em certa medida poder revitalizar questões específicas da sua época (BRASIL, 1998, p40)

Hoje o que está em pauta é um projeto ousado, partindo do Ministério da Educação que busca o rompimento com o modelo eurocêntrico de História, mas existem muitos debates e muitos interesses e desinteresses nessas mudanças. Mas já se vislumbra mudanças nas estruturas curriculares do ensino de História.

É preciso que se entenda que em todos estes períodos que abordamos a História sempre foi objeto de uso político e doutrinário, em alguns períodos, isso foi muito mais claro nas produções didáticas. No PNLD, atualmente existe uma tendência um pouco mais voltada a modelos menos conservadores de ensinar História, mas não se rompeu ainda a adoção do modelo tradicional, principalmente por que as pesquisas que são feitas nas universidades não são compartilhadas com os professores da educação básica, o que dificulta bastante uma

⁸ Teórico alemão- historiador que inspira teoria da Aprendizagem Histórica

mudança consistente na forma de ensinar História, pois as novas perspectivas não embasam as práticas do cotidiano escolar.

Outras questões que devemos analisar que são pautas do nosso tempo, são as novas mídias e seu uso para melhoria no ensino de História. Estas surgem como uma tendência muito forte e apreciada pela maioria dos professores e alunos, apesar de alguns professores ainda terem resistência aos

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Em que medida a valorização do Patrimônio Histórico e cultural, assim como a História do município de Tupanciretã, podem contribuir para a formação de uma identidade coletiva positiva?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Promover a formação de uma identidade coletiva, de um sentimento de pertença a partir da produção de material que valorize o patrimônio histórico e cultural bem como a História do município de Tupanciretã.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar dados da História do município de Tupanciretã;
-
- Produzir material que contemple História do município e regional , dialogando com outros componentes curriculares;
-
- Iniciar um trabalho de educação patrimonial visando maior valorização da cultura e patrimônio locais.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 TRATANDO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste capítulo iremos nos ater a questões conceituais, inicialmente ligadas ao patrimônio cultural e a educação patrimonial, posteriormente, aprofundando questões teórico-metodológicas, demonstrando os conceitos que nos amparam e suas metodológicas.

3.1.1 Patrimônio Cultural

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis (IPHAN, 2014).

Bens Culturais de Natureza Imaterial – dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2014).

Educação Patrimonial – Um conceito importante sobre Educação patrimonial é apontado por Soares (2003):

Educação Patrimonial é um programa que busca a conscientização das comunidades acerca da importância da criação, da valorização e da preservação dos patrimônios locais. Essa conscientização é um exercício de interação da população com os patrimônios da sua região. Para uma melhor compreensão inicial, são utilizados patrimônios concretos, vestígios que possam ser tocados ou percebidos. Somente após esse procedimento, serão trabalhados os patrimônios que se apresentam de forma abstrata, como o saber popular.” (Soares 2003).

O Brasil é pluricultural, com culturas diversificadas e uma diversidade extremamente rica, a educação patrimonial veio como uma alternativa para que a partir da educação se consiga estabelecer um vínculo entre Patrimônio, História e cultura, pois esses grupos constroem sua consciência de realidade e pertencimento por meio de representações. Para Pesavento (2008) alguns conceitos são fundamentais nesse sentido imaginário, representação, narrativa. Esses conceitos serão fundamentais para realizarmos este trabalho

Representação e imaginário, o retorno da narrativa, a entrada em cena da ficção e a idéia das sensibilidades levam os historiadores a repensar não só as possibilidades de aceso ao passado, na reconfiguração de uma temporalidade, como colocam em evidência a escrita da história e leitura dos textos (PESAVENTO,2008,P 59)

Soares (2003) nos embasa mais especificamente sobre preservação de memória e Educação Patrimonial:

A melhor forma de conservar a memória é lembrá-la. A melhor forma de contar a história é pensá-la. A melhor forma de assegurar a identidade é mantê-la. Tudo se faz através da educação, e educar para a preservação e valorização cultural é denominado de Educação Patrimonial.

A partir desses conceitos e analisando a realidade de Tupanciretã, em questões históricas e culturais e de patrimônio, vale ressaltar a importância da construção de um material que vise a valorização do que temos aqui e busque trabalhar questões de identidade conforme nos aponta Soares(2003)

Neste sentido, o papel da educação patrimonial é de promover as manifestações culturais de todos os segmentos da sociedade, em todos os períodos históricos, ao mesmo tempo em que sedimentar um processo de inclusão, ao invés da exclusão. É importante salientar que este processo visa, em primeiro lugar, o respeito à diferença, seja ela étnica, de manifestação religiosa, cultural ou outra qualquer. Ainda, é importante salientar que a valorização do passado histórico e das peculiaridades locais não deve ser tomada como um saudosismo ou apoteose ao passado. Reconhecer as diferenças nos processos históricos deve ser propulsor para a diminuição das barreiras sociais e abolir a discriminação. Além disso, o orgulho não deve ser confundido com xenofobia ou separatismo. Antes de qualquer coisa, a EP visa a formação de uma consciência cidadã na qual todos são cidadãos brasileiros em um processo de inclusão sócio-cultural, alicerçado sobre a diversidade como riqueza do país (Soares 2003).

A partir das práticas voltadas a valorização do patrimônio histórico e cultural, tendo-se como referência os conceitos já citados, pretende-se ter como marco inicial deste processo a produção deste material e seu uso tanto por docentes e discentes como uma semente para que as novas gerações possam se entender e sentir-se pertencentes a História do nosso local. E a partir desse trabalho inicial procurarmos valorizar, cuidar, preservar o nosso patrimônio e auxiliar no processo de construção de uma memória coletiva.

Fagan⁹ nos chama a atenção sobre preservação e construção de memória e reconstrução do passado:

Frente a essa realidade muito dessa história permaneceu intocável e outras se perderam pelo tempo. O passado é a recriação de fatos acontecidos a partir do hoje. Não podemos lembrar tudo, pois a memória é seletiva, mas podemos reunir fragmentos na busca da construção de uma identidade que nos permite ser quem somos (FAGAN, 2014).

Um outro aspecto que devemos levar em conta quando falamos em Educação Patrimonial é o pertencimento, já que ao identificar-se com o patrimônio nosso aluno desenvolve o sentimento de pertença conforme já foi citado e este sentimento lhe aproxima do objeto de estudo que lhe está sendo apresentado e esse vínculo com seu passado próximo ou remoto, ou mesmo com a identificação de vínculos familiares, por exemplo : “aqui foi local de trabalho do meu avô” torna a aprendizagem mais significativa para o aluno. No momento em que essa aprendizagem é significativa para este aluno certamente essa experiência fará sentido para ele e o pertencimento faz com que consigam organizar seus conhecimentos históricos refletindo no melhor aproveitamento e melhor aprendizagem e auxiliando na construção de suas memórias. Grunberg reafirma essa constatação:

[...] proporcionar à criança um maior contato com a criação cultural que é um fazer contínuo da sociedade no qual a criança tem um espaço próprio, ao mesmo tempo que lhe possibilita adquirir os instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o patrimônio cultural da sua região, do seu país e do mundo inteiro, preservá-lo, enriquecê-lo para participar das mudanças da cultura de hoje e do amanhã (GRUNBERG, 2000, p. 164)

Essa forma mais dinâmica de ensinar história, utilizando o olhar do aluno como uma das principais ferramentas, propicia uma melhora no uso de espaços não formais de ensino no sentido de auxiliar de maneira eficaz na construção desse conhecimento pelo nosso aluno. Nossos alunos anseiam por sair daquele cotidiano cansativo e superado que nos remete as escolas da idade média com classes e cadeiras enfileiradas causando tédio e desconforto para uma geração que está acostumada com a informação instantânea e bastante visual, a educação patrimonial vêm ao encontro do seu interesse por formas diferentes de aprender e também com sua necessidade de ser instigado a novas experiências, já que somente a quebra da rotina já lhes estimula de maneira positiva para aquisição destas novas aprendizagens. Cabe aos

⁹ Elaine Binotto Fagan, professora da educação básica, autora do livro paradigmático “Quarta colônia, Terra, gente História!”, Mestre pelo mestrado profissional em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria

professores organizarem de maneira adequada de que forma ocorrerão esses processos, lembrando que é necessário amplo planejamento para que não ocorra frustrações. É preciso que se estabeleça um pequeno projeto esclarecendo os locais a serem visitados, um agendamento prévio destas visitas- no caso de museus, bibliotecas, clubes, igrejas e outras entidades- para que situações imprevistas não causem transtornos . Independente da faixa etária dos alunos, um planejamento prévio, com um trabalho anterior a visita ao local de patrimônio é de suma importância, primeiramente o professor necessita dominar alguns conceitos, conhecer o local, fazer um breve histórico, enfim, seguir alguns passos buscando o máximo aproveitamento por parte do aluno.

Tornar nosso aluno um pesquisador, requer um trabalho minucioso por que algumas habilidades precisam estar bem trabalhadas, a principal delas é a observação num sentido mais empírico, nosso aluno precisa ser orientado a realizar essa observação de maneira mais detalhada, com um olhar que vá além do que está visível. Em certa oportunidade trabalhei com alguns alunos de 5º ano da EMEF Serafim Corrêa de Barros Neto, essas habilidades de maneira bem detalhada e ao final da atividade de visitação, quando proporcionei o momento de interação e troca de experiências por meio dos relatos minha grata surpresa é que a maioria deles havia percebido o que não estava visível, perceberam o que estava invisibilizado, a visita era ao Museu Municipal Dr.Hélio Franco Fernandez e as observações foram: por quê não haviam objetos ou fotos de assentados, ou dos primeiros assentamentos aqui da cidade, e também nenhum objeto ligado a agricultura a plantas e alguns questionaram por que somente o clube comercial tinha fotos e objetos expostos, por que os outros clubes não tinham nada exposto no museu. Ao final foram unânimes em dizer que não gostaram do museu, porque não tinha nada que se aproximasse deles. Naquele momento percebi o quanto eu havia trabalhado o senso crítico dos meus alunos e lhes aguçado para as diferenças presentes em nossa sociedade, pois apesar de ser uma visita dirigida, em momento algum lhes havia sido falado sobre essas ocultações. Ficava claro que meus alunos haviam treinado o olhar para ver criticamente a realidade e para ver além do que estava visível. Esta foi uma atividade que desenvolvi a primeira vez para realizar um projeto de Prática de Ensino em História II, orientada pela professora Dra. Roselene Pomer, durante o curso de História, mas posteriormente, realizei inúmeras visitas com outros grupos de alunos,e algumas turmas não foram capazes de fazer essas relações. Certamente algumas dessas habilidades já citadas não haviam sido bem trabalhadas.

Sempre que buscamos novas metodologias para nos auxiliar no ensino de História devemos sempre ter em mente a importância do planejamento prévio e do domínio de alguns

conhecimentos e habilidades por parte dos nossos alunos, essa experiência que relatei reforça essa constatação. Para que nosso aluno seja capaz de realizar essas pesquisas a partir da educação patrimonial, precisamos lhes mostrar o patrimônio como uma fonte passível de ser pesquisada e lhes garantir as possibilidades para essa pesquisa. Por isso uma das propostas iniciais do projeto seria uma oficina Educação Patrimonial para professores visando a utilização desta como uma nova metodologia capaz de proporcionar melhoras no ensino de história dinamizando o processo de construção do conhecimento por parte do aluno.

3.2 HISTÓRIA CULTURAL, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Abordar conceitos elencados a partir da História cultural ou da Nova história cultural, como preferem alguns autores, são fundamentais para conseguirmos dar conta da complexidade que um trabalho de educação patrimonial pode exigir. Quando se trata de questões que fogem a história essencialmente político-econômica e migra-se para questões pautadas por identidade, memória, imaginário social, representações, fundamentalmente está se fazendo uma opção por uma proposta teórica metodológica que irá se amparar a partir de alguns autores que respaldem teoricamente os conceitos mencionados. A Nova História Cultural, de origem francesa, inicialmente, segundo alguns autores tratada como a quarta geração de Annales, passou a ser difundida a partir dos anos 1980, e seus autores não têm um consenso em alguns conceitos, mas segundo Peter Burke “está entre a História total e a História estrutural”. Sandra Pesavento define a História Cultural como : “uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”. Para alguns autores como Jacques Le Goff todo campo de experiência humana pode ser entendido a partir do imaginário.

Falar de patrimônio sem um entendimento sobre imaginário é inviável pois as relações entre os conceitos de patrimônio como uma representação do que possui importância, na memória e na identidade de determinados grupos sociais passa também por representações que se pautam pelo imaginário sendo que este pode ser um processo individual ou coletivo.

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer. Não será este o verdadeiro caminho da História? Desvendar um enredo, desmontar uma intriga, revelar o oculto, buscar a intenção? (PESAVENTO, 1995. p. 24)

Já para José de Assumpção de Barros estas representações do imaginário transcendem o simbólico:

[...] uma realidade tão presente quanto aquilo a que poderíamos chamar de vida concreta, uma dimensão tão significativa das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como realidade efetiva [...] sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais, verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas (BARROS, 2005, p. 92-94).

As questões identitárias também são de grande importância quando tratamos de temas ligados a memória e patrimônio pois estes têm uma grande relevância na construção das identidades de pessoas e grupos.

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença (...) é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (PESAVENTO, 2005, p. 89-90).

Essa definição de Pesavento é muito cara a este trabalho, pois um dos objetivos macro do trabalho vem ao encontro dessa conceituação no sentido da construção de uma identidade coletiva que parta de um imaginário positivo a partir de um grupo de pessoas que se entendam pertencentes a esta sociedade. Para Le Goff (2007) “a identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva”. Então elementos que determinam a formação desta identidade estarão sempre ligados ao trabalho com questões patrimoniais, uma vez que as pessoas constroem suas memórias ou herdam suas memórias associadas ao patrimônio, seja ele material ou imaterial e essas construções corroboram para a formação de sua identidade. Obviamente sabemos que somente um trabalho de educação patrimonial não será determinante na formação de uma identidade coletiva positiva, mas acredita-se que é necessário que se inicie de alguma forma e a metodologia proposta a partir da educação patrimonial pode ser um passo inicial de um trabalho mais amplo de valorização da história e patrimônio locais.

Quando tratamos de identidade inevitavelmente a construção desta passa por suas memórias conforme já foi dito, mas estas memórias construídas ou herdadas são determinantes quando reconstruímos o passado, é a partir da memória que valorizamos ou não determinados bens patrimoniais, culturais ou situações vividas. Para Le Goff a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido,

pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. Ele também afirma que a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”.

Sabemos que História e memória não são sinônimos pois a História faz o papel de trazer a tona situações que a memória muitas vezes despreza ou ignora. Segundo Le Goff (2003, p.467) “níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (lingüística, demografia, economia, biologia, cultura)” o que nos remete novamente a questão das memórias coletivas, que muitas vezes são construídas a partir da rememoração de fatos desvinculando-se da História, que seria uma representação do passado a partir do presente, já a memória coletiva é construída ou herdada. Le Goff também contribui ressaltando sobre questões de memória coletiva vinculada ao patrimônio:

Lugares da memória coletiva (...): Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações” (Le Goff, 2003)

Partindo destes elementos cada vez mais podemos entender o quanto existe uma relação bem profunda entre os estudos relacionados ao patrimônio, às representações culturais e conceitos que norteiam a História cultural. Sabemos que Burke discorda de alguns conceitos que os “annalistas” adotam como centrais e que Burke entende que a História cultural tem suas origens lá no Século XVIII, contrapõe os franceses em vários aspectos, entretanto Burke contribui de maneira efetiva com esse viés cultural da História, pois também atribui importância ao imaginário, a questões de memória e identidade. Para Peter Burke a ligação dos historiadores com a memória ocorre principalmente porque ela é fonte histórica e porque é um fenômeno histórico. Ele também ressalta sobre memória “explicação tradicional da relação entre a memória e a história escrita, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história reflete a memória” (Burke, 2000, p.69). Ele é considerado um dos grandes nomes da História cultural e seus escritos de grande valia para relacionarmos toda essa conceituação já citada: memória, imaginário, identidade aos estudos voltados para patrimônio cultural e educação patrimonial, demonstrando que essa abordagem tem uma fundamentação teórico-metodológica amparada principalmente a partir dessa História que ocupa-se essencialmente de questões que foram diminuídas ao longo do tempo e hoje são centrais, como a cultura, o cotidiano, as identidades. Para alguns autores inclusive a Nova História

cultural ressignifica alguns conceitos que eram de suma importância na História das mentalidades apesar destes dois ramos da História serem diversos entre si. Alguns inclusive destacam-nos como terceira e quarta geração de Annales respectivamente. Mas neste trabalho não iremos nos ater a História das mentalidades, em função da complexidade dos seus estudos e de termos feito uma opção teórica bem definida a partir da História Cultural, ainda que nos utilizemos de alguns conceitos daquele ramo como : imaginário coletivo, inconsciente coletivo, dentre outros.

Lyn Hunt, primeira autora a tratar a História cultural como Nova História cultural também considera-a como a quarta geração de Annales lhe atribui o predicativo de “inovação francesa” e atenta para a ruptura da História com seu viés mais econômico praticado pela segunda geração de Annales, nunca colocando que os fatores econômicos sejam menos importantes que os culturais, mas buscando uma forma de entender que estão interligados e ambos tem importância. Já Roger Chartier propõe uma história cultural do social, baseada em alguns conceitos das mentalidades, mas preocupada com a prática que as “mentalidades” teorizam:

Que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos- ou, por outras representações do mundo social- que á revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse (Chartier, R.1988,p 19)

Dessa forma entendemos necessário o amparo de todos os autores destacados e suas respectivas obras para dar a sustentação teórica e o aporte metodológico necessário para embasar uma pesquisa tão ampla, com uma abordagem voltada para o ensino, no sentido de ampliar a metodologia que chamamos de educação patrimonial, pautada principalmente pelo viés cultural da História.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho parte primeiro de um sonho de adolescência: escrever um livro, um memorial, ou algo do gênero, pois o demasiado apego aos livros e a leitura sempre me despertaram esse interesse, pensava em reunir reportagens, em guardar fotos, arquivar informações. Não o fiz. Em sala de aula essa vontade crescia, pois todos aqueles diários que professores de anos iniciais têm, deveriam ser valorizados, guardam grandes tesouros nossos, textos que adequamos ao nível da turma, atividades que inventamos, desenhos que fazemos, histórias matemáticas, frases, nós produzimos muito, mas poucas de nós publica material de uso didático pois criou-se uma lenda de que professor da educação básica não cria, só reproduz. Essa é uma enorme inverdade, porque precisamos criar ou recriar, ou adequar e temos sim, nossas criações. Quando trabalhava com alfabetização passei a produzir poesias com rimas, elas divertiam muito meus alunos e minhas filhas que eram pequenas na época. Criava a poesia e ilustrativa, tamanha a inspiração. E para trabalhar com alunos precisamos exatamente disso: inspiração, vocação, vontade, amor, entusiasmo.

No segundo ato, veio a História na minha vida, um deslumbramento com toda aquela produção dos nossos doutos, inspirada a cada final de semana, inspiração que atravessava as madrugadas, queria ser como eles, ler mais ainda, escrever muito. Observávamos atentamente cada livro ou capítulo que eles faziam parte, quanta informação sobre História do Rio Grande do Sul, e nós na escola com livros cheios de informações falsas, desatualizadas, “ajeitadas”, nossos professores produziam muito e eram ótimas produções, o Milder nos encantava com todas aquelas pesquisas, lá na Estância do Bento Manuel, mesmo Bento Manuel que o Farinatti pesquisava, os povos indígenas que o Milder tratava eram os mesmos que o Quevedo pesquisava. A Revolução Farroupilha que a Medianeira nos mostrava e nos deixava fascinados, enfim, era muita informação e mais uma vez inspiração.

Quando voltava pra realidade da sala de aula, pensava, preciso escrever sobre Tupanciretã, olhava o material que tinha para trabalhar e só via silenciamentos, informações desatualizadas, gente invisibilizada. E ficava com mais vontade de escrever. Por isso ao finalizar este trabalho é necessário falar das minhas inspirações e do processo para realizar essa pesquisa.

Ela se iniciou lá no primeiro semestre de mestrado, quando comecei a pesquisar imagens, queria um material com muita imagem, porque sabia o quanto elas são importantes para os alunos, ainda mais imagens que se aproximem deles, da cidade deles. Esse foi o ponto de partida. Depois, foi a busca pelo que já havia sido escrito, confirmação das fontes, enfim,

finalmente comecei a escrever o projeto que exigiu um aprofundamento nas leituras, para dar conta de referenciar um projeto. Tudo fluía bem, as apresentações em eventos, os artigos, a coleta de material, mas a vida tem algumas situações que nos tiram o chão e as coisas se complicaram, parecia ser o fim do sonho, o fim do caminho.

Mas era preciso prosseguir e recomeçar quantas vezes fossem necessárias e foram várias, pois a tecnologia às vezes se coloca como um impecílio, e se perde tudo que já estava pronto. E precisamos continuar retomar as questões que nos inspiraram, e sabia o quanto gostaria de falar dos esquecidos, dos silenciados, em quanto queria que as novas gerações soubessem da beleza da nossa cultura, da riqueza da nossa história, de quanto foram importantes todos os grupos, dos negros, indígenas, assentados, trabalhadores. Infelizmente a escassez de fontes confiáveis nos impediu de aprofundar mais as pesquisas nesse sentido, alguns locais que gostaríamos de incluir nas pesquisas não tinham informações para que se pudesse incluir.

E pesquisar os esquecidos é difícil, falar dos que historicamente foram omitidos das publicações precisa persistência, contar a parte da história que a sociedade quer omitir requer coragem, fazer opções por quem foi sempre esquecido necessita buscar fontes mais difíceis. Por isso foi extremamente gratificante realizar este trabalho.

Quanto ao produto, necessita de uma melhor diagramação, de uma capa, de um plano de estudos, de um sumário, todas estes elementos serão revistos antes da publicação oficial do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José de Assumpção: **A construção social da cor**; Ed. Vozes. Petrópolis. 2009.
- _____. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. In: *Textos de História*, v. 11, n. 1/2, 2003
- BOURDIEU, P. O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC/SEF 1998
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- _____. **Uma história social do conhecimento**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- _____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 11(5), 1991,
- FAGAN, Elaine Binotto: **Quarta Colônia: Terra, gente e História**. Dissertação de Mestrado Programação de Pós- Graduação em Patrimônio Cultural- Mestrado Profissional/UFSM, Santa Maria, 2014.
- FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira, Renato Franco. **Aprendendo História reflexão e ensino**. Editora do Brasil. São Paulo. 2009.
- GRUNBERG, Evelina. **Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais**. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, Argos, nº 12, 2000, p. 159-180.
- _____. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- IPHAN. INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 20 de nov. 2015.
- LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171. LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.
- MILDER S. S. **Educação patrimonial e ações educacionais**. Santa Maria: LEPA/UFSM. 2006.
- PERRENOUD, Philippe. **Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 108, p. 7-26, nov. 1999

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano.** In: MAUCH, Cláudia; et al. Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo: Editora da UFRGS/ Ed. Ulbra/ Ed. Unisinos, 1994.

_____. **História & História Cultural.** 2ª Ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2008

SANTOS, Edméa Oliveira. **Formação de Professores e Cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância.** In: Revista da FAEEBA, v.11, n. 17, p. 113-122, jan./jun. 2002.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** Ed. Autores Associados, São Paulo. 1997.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Editora Scipione, 2004.

_____. **Aprender História: Perspectivas da Educação Histórica** .Iluí. Editora Unijuí. 2009.

_____. **Desafios teóricos e epistemológicos na pesquisa em Educação Histórica.** Antíteses, v.5 , n10, p.509-518. 2012.

_____. **Educação Histórica Teoria e Pesquisa.** Ijuí. Editora Unijuí. 2011 SOARES. A.L.R. **Proposta interdisciplinar de Ensino de Educação Patrimonial e Arqueologia no Ensino Fundamental.**

SOARES, A.L.R. **Educação Patrimonial e Educação Popular: Um viés possível** Anais do 8º Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire UPF, Passo Fundo – RS, CD-Rom, FAED Faculdade de Educação. ISBN 857515374 -9

_____ & SOUZA, C.S **Educação Patrimonial e História Oral na vila de Santo Amaro: instrumentos de preservação e democratização da Memória e do Patrimônio Cidade Revelada,** Encontro sobre patrimônio cultural, Itajaí - SC – Brasil.

STEFANELLO, Liriana Zanon. **História, Memória e patrimônio: fundamentos e sensibilizações da comunidade de Nova Palma.** Dissertação- Programação de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural- Mestrado Profissional/UFSM, Santa Maria, 2010

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL: CONTANDO NOSSA HISTÓRIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - TUPANCIRETÃ, TERRA DA MÃE DE DEUS.